

## MASS MEDIA E ASSUNTOS AMBIENTAIS<sup>1</sup>

MARGARIDA QUEIRÓS<sup>2</sup>

Apesar de drenar a atenção de uma forma ocasional e, por vezes, espectacular, habitualmente sob o formato de grandes desastres, acidentes e conflitos, a consciencialização dos problemas ambientais depende, em grande parte, da sua visibilidade pública. Os altos e baixos da preocupação pública, atenção política ou da cobertura dos *media* àcerca dos temas ambientais são um indicador pobre do estado e natureza da degradação ambiental. O que nos dizem é algo sobre os processos políticos que favorecem destaque temporário de certas preocupações nas denominadas “arenas públicas”<sup>3</sup>. A evidência de certos assuntos sociais, em determinadas alturas, é relativa, mas não exclusivamente independente do rigor científico de tais temas. Nem tão pouco desaparecem destas arenas como sinal de que os problemas foram resolvidos com sucesso. Pode ter sido simplesmente porque foram apagados por outros novos assuntos na arena pública que se caracteriza por limitadas “capacidades de carga”, sejam elas os *mass media*, tribunais, processos políticos, etc. Os pontos altos e baixos dão-nos também algumas pistas para comparar a importância atribuída ao ambiente com a de outros domínios significativos (saúde, educação, economia, política).

É ainda instrutivo considerar o tipo e a natureza do discurso ambiental, suas mudanças significativas no tempo e seu alcance. Que o ambiente deve ter significados diferentes para os diversos públicos não é em si particularmente surpreendente. O mais importante é entender os processos que, em determinada altura, tornam dominantes certos assuntos ambientais, assuntos esses que passam a ser referências, ícones ou representações alegóricas do ambiente.

A razão porque as mudanças na distribuição temporal das questões ambientais (que os *media* apresentam), discutidas na arena pública, são um útil objecto de investigação, não resulta unicamente da sua relação com a relevância de certos temas ambientais. Antes, tem a ver com o modo como se elaboram, e a sua manutenção no debate público oferece um conhecimento perspicaz do poder de diferentes grupos da sociedade, na indicação do que deve ser o foco da atenção pública. É de notar, por exemplo, como o ambiente tem sido definido por um considerável período de tempo na esfera pública: primeiro, em termos de algum fenómeno nuclear (ameaça nuclear), depois associado a poluição (resíduos) e, mais tarde, à conservação das espécies em perigo (biodiversidade). Geograficamente, o discurso ambiental nas arenas públicas tem-se confinado essencialmente aos países mais desenvolvidos, isto é, colocando pouca ênfase sobre a enormidade dos problemas ambientais com que se debate o Terceiro Mundo. Contudo, a orientação geográfica do debate ambiental tem evoluído para assuntos globais, tais como o aquecimento global, o buraco do ozono, o efeito de estufa, a desertificação, etc.

O livro recentemente editado por Anders HANSEN, intitulado *The Mass Media and Environmental Issues* faz parte de uma série de Estudos sobre Comunicação e Sociedade. A elaboração desta obra colectiva é o resultado de uma extensa pesquisa universitária, para a qual contribuíram investigadores de diferentes países (Reino Unido, Suécia e E.U.A.) e áreas científicas (Geografia, Ciências Sociais e Políticas e

<sup>1</sup> HANSEN, Anders (1994) (ed.) – *The Mass Media and Environmental Issues*. Studies in Communication and Society. Leicester University Press. Leicester (1ª ed. Reino Unido, 1993; 2ª ed. papel reciclado, 1994).

<sup>2</sup> Assistente da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Investigadora do Centro de Estudos Geográficos. A presente recensão foi apoiada pelo Projecto Metodologias e Indicadores de Avaliação de Planos Directores Municipais, nº 23/94, DGOTDU/JNICT.

<sup>3</sup> Conceito que deriva da concepção de “esfera pública” desenvolvido por Jürgen HABERMAS nos anos 70. Pelo termo “esfera pública” HABERMAS refere o domínio da vida social na qual os cidadãos podem formar um corpo racional, onde interesses gerais podem ser discutidos, debatidos e decididos. A ideia de esfera pública implica uma “arena pública” na qual os assuntos e preocupações encontram uma ampla expressão pública.

Comunicação Social). Esta compilação de artigos tem por base, numa perspectiva dialéctica, as atitudes e práticas jornalísticas em relação aos assuntos ambientais e o seu papel na sociedade.

O principal objectivo do livro é mostrar como a investigação em comunicação contribui para uma melhor compreensão do vasto papel social representado pelos *mass media* e elucidar acerca de processos relacionados com a comunicação na “fabricação” do ambiente, como um problema das esferas pública e política. Neste contexto, os autores optam pela apresentação do tema em três partes que se estruturam em torno dos grandes domínios de investigação nos processos de comunicação: a produção da notícia ambiental, o conteúdo da notícia ambiental e as suas representações nas respectivas audiências.

Os contributos, na 1ª Parte, focam o lado da produção dos processos de comunicação. Procura-se uma explicação para a **construção da agenda ambiental**, através de um exame meticoloso da natureza diferenciada dos *mass media* nas suas interações. A teoria da “construção social do ambiente”, bem como as experiências práticas dos grupos ambientalistas, constituem um óptimo enquadramento teórico para conhecer as múltiplas arenas combinadas com um claro sentido de *timing* político nos processos das campanhas do ambiente.

Uma análise detalhada das estratégias jornalísticas, para a cobertura das questões ambientais de longa duração, mostra como os problemas ambientais são sentidos através dos mapas mentais e ajustes das normas jornalísticas (usados rotineiramente pelos jornalistas como filtros interpretativos) e o tipo de comunidade em que os *media* operam. As diferenças culturais da imprensa, em diversos contextos territoriais, são também condicionadoras da abordagem das questões ambientais. Os *media* podem então enquadrar-se na noção convencional de “definidores primários”<sup>4</sup> (indivíduos e seus representantes institucionais que ajudam a determinar o conteúdo dos temas e os termos de referência para a sua discussão pública). Contudo, este conceito ignora o complexo processo de negociação e conflito que antecede a aparição dos “primeiros definidores” nos *media*.

A 2ª Parte aponta para o conteúdo da comunicação social em matéria de ambiente. **Mensagens, significados e cobertura dos media** amplia a problemática referente ao processo de produção jornalístico ambiental. As modalidades dos noticiários televisivos (ao nível nacional e regional), os principais assuntos ambientais relatados nos diversos canais televisivos, os actores intervenientes e os formatos seleccionados, evidenciam consideráveis diferenças existentes na mediação do ambiente. De facto, são um produto de complexas interações de obrigações organizativas, normas, práticas profissionais e valores noticiários com a esfera pública. Contudo, o trabalho desenvolvido por grupos ambientalistas (nomeadamente o *Greenpeace*) tem influenciado, em quantidade, a modelação jornalística dos debates públicos sobre o ambiente. Apesar do potencial de construção da agenda e do poder destes grupos ser variável, têm tido sucesso (argumenta-se que foi alcançado através da uma “aliança com a ciência”) na manutenção da sua posição como legítimos “definidores primários” no debate ambiental.

A 3ª Parte trata das mudanças nas audiências, a terceira maior dimensão do modelo clássico dos processos de comunicação. É **raciocinando a partir de significados ambientais mediados pela comunicação social** (construção social das imagens/textos) que se descobre a formação de significados/representações ambientais na população. À televisão atribui-se um importante papel no desenvolvimento, manutenção e mudança nas atitudes públicas e crenças no que respeita ao ambiente. A “análise da cultura”<sup>5</sup> constitui uma base sólida para explicar a relação entre o visionamento

<sup>4</sup> No original “primary definers”. A teoria dos “definidores primários” foi apresentada por HALL, S. *et al* (1978). *Policing the crisis: mugging, the state, and law and order*. Macmillan. London.

<sup>5</sup> “Cultivation analysis”, conceito desenvolvido por George GEBNER na Universidade da Pensilvânia. Na base, esta é uma teoria que atribui à exposição repetida dum conjunto de mensagens, a capacidade de produzir, numa

televisivo e a preocupação ambiental. Frequentemente, os *mass media* são considerados um factor potencial do aumento da consciência dos indivíduos quanto aos problemas ambientais; no entanto, há razões que levam a acreditar que a influência cumulativa da observação televisiva pode diminuir, em vez de aumentar. As audiências mais expostas à televisão expressam consistentemente níveis mais baixos de preocupação ambiental.

O nível local é um excelente campo de investigação para demonstrar o papel central dos *media* locais, como uma arena para a circulação e inflexão de exigências relativamente a projectos de desenvolvimento local, com base na argumentação ambiental. A dominância da contextualidade definida e o conhecimento localmente fundado, sobre as imagens e mensagens mediáticas, surgem claramente como o enquadramento no qual se fundam as exigências dos diversos actores.

Aos textos também cabe um papel importante na forma como os leitores raciocinam e interpretam as questões ambientais. A construção de significados em torno dessas questões ambientais resulta do papel do conhecimento científico e seu discurso, ressonâncias simbólicas invocadas em muitas reportagens ambientais (activando muitas das profundas e enraizadas classificações, tais como, natureza, sujo, morte) e variadas interpretações (pessoais, políticas) utilizadas pelas audiências em diferentes pontos do processo interpretativo.

Sendo uma obra cuja temática central se enquadra na compreensão dos complexos processos que conduzem à elaboração de notícias ambientais, tornando-as permeáveis à subjectividade dos ditos “definidores primários”, sejam estes jornalistas, grupos de pressão ambiental, políticos ou sociedade civil, entre outros actores, passando pela análise dos conteúdos das imagens e textos mediados que filtram a permeabilidade social dos seus autores; ela ficaria incompleta se não apontasse o papel fundamental que os “definidores primários” têm na formação da opinião pública. Contudo, a diversidade cultural, económica e política dos diferentes territórios (do local ao global) é também determinante, quer para a produção da notícia jornalística ambiental, quer para as leituras e representações atribuídas aos assuntos ambientais pela “arena pública”.

Sem informação, não se podem mobilizar os actores para que se conheça e trate o ambiente com respeito. Naturalmente, num mundo em que os conhecimentos são partilhados e parciais, a informação ambiental é atravessada pelas emoções da sociedade, a qual se adquire cada vez mais rapidamente a partir dos bancos da escola, experiência profissional e pessoal e, como tal, contribui para a construção de um saber fragmentado. Muitas vezes, escapa-lhe a crescente complexidade da sociedade face aos problemas globais do ambiente. A difusão de informação neste domínio é particularmente delicada, pois depende da subjectividade do difusor. Da fonte ao receptor, passando pelo mediador, a informação impregna-se de valores. Como garantia de um mínimo de objectividade está um máximo de subjectividades. Trata-se, pois, de uma obra importante para o conhecimento geográfico, ao denunciar a importância da diversidade territorial na modelação e apreensão da informação.

Uma nota para finalizar. A ambivalência do termo “*issues*” do título da obra torna-se agora clara. *Issue* significa, em simultâneo, “questões, assuntos relevantes” e “saídas, resultados, publicações”.